
De Investigadora a Justiceira: Uma Análise da Personagem Verônica Torres e sua Trajetória no Combate à Violência Contra a Mulher¹

Paula Beatriz Coelho Domingos FARIA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Palavras-chave

Bom dia, Verônica; Ficção seriada; Narrativas policiais; Protagonismo feminino; Violência contra a mulher.

Resumo

O objetivo do trabalho é analisar a construção da personagem Verônica Torres, da série “Bom dia, Verônica”, lançada pela Netflix em 2020, considerando sua transformação de investigadora em justiceira e a abordagem narrativa da violência contra a mulher bem como a predominância do protagonismo masculino em narrativas policiais. Para tanto, a metodologia utilizada é a da revisão bibliográfica com abordagem qualitativa à luz dos Estudos Culturais e do Interacionismo Simbólico, bem como a análise da trajetória da personagem, com destaque para a sensação de inconformismo impressa quando a narrativa chama a atenção não apenas para os crimes cometidos contra mulheres, mas também para a corrupção e o despreparo das autoridades responsáveis pela investigação desse tipo de crime.

Introdução

As narrativas policiais correspondem a um dos gêneros ficcionais de maior sucesso, tanto na literatura quanto nos meios audiovisuais. Ao longo da maior parte de sua história, porém, verifica-se uma predominância de protagonistas masculinos, com grandes habilidades dedutivas e intelectuais. Na obra de Edgar Allan Poe, por exemplo, os três contos protagonizados por Auguste Dupin são dedicados à demonstração da genialidade do detetive enquanto às mulheres resta o papel de vítimas: duas mulheres assassinadas em “Os Assassinatos da Rua Morgue” (1841); uma em “O Mistério de Marie Rogêt” (1842); e uma vítima de chantagem envolvendo sua reputação em “A Carta Roubada” (1844).

¹ Trabalho apresentado no GP de Ficção Televisiva Seriada, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestra em Comunicação e Especialista em TV, Cinema e Mídias Digitais pela mesma universidade. Email: paulabdfaria@gmail.com.

Passados quase dois séculos dessas publicações, os detetives mais lembrados da ficção policial ainda são do gênero masculino, a exemplo de Sherlock Holmes (das obras de Arthur Conan Doyle), que, além dos livros, também ganhou popularidade nas obras audiovisuais do cinema, TV e *streaming*, inspirando inclusive a criação de outros personagens que protagonizam diversas séries policiais bem sucedidas.

Todavia, ainda que continuem sendo minoria, na atualidade já é possível encontrar protagonistas do gênero feminino nas narrativas policiais. Na verdade, elas já existem há cerca de um século, ainda que Miss Marple, criada por Agatha Christie, seja apenas uma amadora ou uma “vizinha fofoqueira”, ao invés de uma grande intelectual como Sherlock Holmes.

Nos últimos anos, no entanto, é notável uma intencionalidade maior na construção de protagonistas detetives mulheres, como uma busca por representatividade feminina dentro do gênero policial. É o caso, por exemplo, de Enola Holmes (criada pela escritora Nancy Springer em 2006), tão perspicaz e inteligente quanto o irmão. Além dos livros e filmes, cabe citar também as séries de TV e *streaming* como terreno em que, aos poucos, as mulheres deixam de ser apenas vítimas e assumem o protagonismo em diversas obras, como ocorre com as detetives Olivia Benson - da série norte-americana “Law & Order: Special Victims Unit”, produzida pela NBC desde 1999 até a atualidade - e Jane Tennison - da série "Prime Suspect", que contou com uma primeira versão britânica, produzida pela Granada Television, em associação com a WGBH Boston e a ITV Studios entre 1991 e 2006, e uma segunda versão norte-americana produzida pela NBS em 2011.

A partir dessa contextualização e tendo como ponto de partida a priorização do protagonismo masculino nas narrativas policiais ao longo de sua história, o objetivo deste trabalho é analisar a construção da personagem Verônica Torres, da série “Bom dia, Verônica”, lançada pela Netflix em 2020, considerando sua trajetória de investigadora à justiceira e a abordagem narrativa da violência contra a mulher. Para tanto, a metodologia utilizada é a da revisão bibliográfica com abordagem qualitativa à luz dos Estudos Culturais e do Interacionismo Simbólico, bem como a análise da trajetória da personagem Verônica Torres, com destaque para a sensação de inconformismo impressa quando a narrativa chama a atenção não apenas para os crimes

cometidos contra mulheres, mas também para a corrupção e o despreparo das autoridades responsáveis pela investigação desse tipo de crime.

Contextualização sobre a série “Bom dia, Verônica”

A personagem Verônica Torres foi criada por Ilana Casoy e Raphael Montes, sob o pseudônimo de Andrea Kilmore, no livro homônimo à série lançado em 2016, pela editora Darkside Books. Já a série produzida pela Netflix, que é o objeto de análise deste artigo, foi lançada em outubro de 2020, com direção de Rogério de Souza, José Henrique Fonseca e Izabel Jaguaribe. A segunda temporada estreou em agosto de 2022 e há, ainda, a previsão de uma terceira temporada sem data definida.

Verônica, interpretada pela atriz Tainá Müller, é uma escritora que trabalha em uma delegacia de homicídios em São Paulo, onde presencia o suicídio de Martha (Julia Ianina), após uma tentativa frustrada de denunciar os crimes cometidos por Gregório (Sasha Bali), que aplica o golpe “boa noite, Cinderela” em diversas mulheres e depois as estupra, furta seus pertences e as fotografa nuas, comercializando as fotos na *deep web*. A morte de Martha dá início à trajetória da protagonista como investigadora de crimes cometidos contra mulheres e, posteriormente, justiceira, que tenta evitar que outras mulheres sejam vitimadas.

As relações de poder estabelecidas pela tradição patriarcal são intensamente retratadas em “Bom dia, Verônica”, a começar pela tentativa das autoridades de classificar a personagem Martha como louca por ter cometido suicídio. Isso acontece diante da discordância de Verônica, que se posiciona diante das câmeras de TV para se colocar à disposição das mulheres vítimas de violência após o vazamento das imagens internas da delegacia que mostram o momento da morte de Martha.

Para a investigação dos crimes de Gregório, Verônica conta com a ajuda de Tânia (Aline Borges), que é uma das vítimas e fornece informações detalhadas sobre sua forma de atuação: ele utiliza um site de encontros e busca por mulheres que passam por fragilidades emocionais relacionadas à sua aparência. A frase “Não existe justiça nessa merda de país!”, dita por Tânia, é uma das mais marcantes da série por destacar a mensagem ou premissa geral da trama: a violência contra a mulher, infelizmente, ainda não é combatida de forma exemplar no Brasil.

Além de Gregório, a narrativa também destaca o cometimento de diversas formas de violência contra a mulher por Cláudio, um tenente coronel da Polícia Militar interpretado por Eduardo Moscovis. Nesse caso, a vítima que ganha maior peso narrativo é Janete, vivida por Camila Morgado, que entra em contato com Verônica após vê-la em um programa de TV oferecendo ajuda a mulheres vítimas. Janete sofre todas as categorias de violência enumeradas na Lei Maria da Penha.

A violência física está presente em diversos momentos, mas ganha destaque quando Janete tenta fugir e é espancada. Já a violência sexual é retratada quando a personagem é obrigada a ter relações sexuais, mesmo estando em um período de recuperação física após um aborto espontâneo. Esses dois tipos de violência também são praticados contra outras mulheres, que são torturadas, violentadas e assassinadas por Cláudio.

A violência patrimonial é retratada a partir do controle de todos os gastos de Janete pelo marido. Ela, então, adultera o preço dos alimentos que é encarregada de comprar, para conseguir guardar algum dinheiro em uma lata, que esconde sem sucesso na cozinha de sua casa, sendo descoberta e punida por Cláudio. As violências psicológica e moral caminham juntas na narrativa, fazendo-se presentes nas diversas cenas em que Cláudio culpa Janete por não conseguir levar a gravidez adiante e a insulta criticando sua suposta falta de habilidade para realizar as tarefas domésticas.

O destaque de diferentes formas de violência ao longo da narrativa cumpre bem o propósito de expor o tema da série não apenas como a violência contra a mulher, mas a sensação de impotência e revolta diante dessa realidade. E essa sensação é reforçada na trajetória e na postura da protagonista, que se esforça ao máximo para evitar que os dois criminosos já mencionados continuem violentando mulheres. Ela inclusive abre mão da convivência com os próprios filhos em nome de seu objetivo, mas não obtém êxito e, na conclusão da primeira temporada, Janete, morre carbonizada.

Para Saffioti (2004), os diferentes tipos de violência praticados contra as mulheres têm origem justamente no sistema que impõe a dominação masculina e a subordinação feminina, que foi construído histórica e estruturalmente e articula questões fisiológicas e culturais, definindo papéis específicos para cada sexo e colocando o homem numa posição de superioridade.

Nesse sentido, a construção narrativa da série “Bom dia, Verônica”, a caracterização e o posicionamento da protagonista como defensora da causa feminina diante dos casos mais absurdos de violência e feminicídio, bem como o tom de denúncia em relação à omissão das autoridades, contribuem para a conscientização do público em relação ao problema estrutural da sociedade na medida em que humanizam as personagens vítimas e criam uma protagonista consciente, inconformada, forte e persistente, cujas atitudes podem ser compreendidas e apoiadas pelo público.

Análise e fundamentação teórica

O aporte teórico do presente trabalho baseia-se principalmente nas ideias de deslocamento das identidades, na perspectiva dos Estudos Culturais (HALL, 2006) e de complexificação do pensamento, responsável pelo questionamento dos padrões institucionalizados, conforme o proposto por Berger e Luckmann (2007), representantes da corrente do Interacionismo Simbólico.

Conforme Silva (2009), em uma oposição binária, um dos termos sempre recebe valor positivo enquanto o outro fica com a carga negativa. Para o autor, a identidade e a diferença são relações sociais e estão sujeitas a vetores de força, ou seja, onde existe a diferenciação, existe o poder. Portanto, elas são impostas, e não simplesmente definidas, são disputadas e não convivem harmoniosamente. "O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2009, p. 81).

Em “Bom dia, Verônica” a protagonista, até o momento, não tem um final feliz e as relações de poder são expostas justamente por meio da retratação da luta feminina pela igualdade social em que nem sempre o poder público mobiliza esforços para garantir o cumprimento da lei. Nesse contexto, são diversos os exemplos de situações narrativas em que essa luta é colocada de maneira positiva, a começar pela própria construção da jornada da protagonista como heroína defensora dos direitos das mulheres. Vale lembrar que ela vai de escritã da polícia a criminosa entre a primeira e a segunda temporada da série, cometendo inclusive assassinatos em nome dos ideais que defende, reforçando a crença de que não se pode confiar nas autoridades.

Stuart Hall (2011), fala sobre uma crise de identidade associada à pós-modernidade. Segundo ele, essa crise é a responsável pelo deslocamento das estruturas e processos centrais das sociedades e afeta diretamente as referências responsáveis pela ancoragem dos sujeitos no mundo social. É nesse sentido que ele se refere às identidades descentradas, deslocadas e fragmentadas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (Hall, 2011, p. 9).

O autor descreve essa transformação como um processo muito abrangente e as novas identidades como totalmente provisórias, como se pode verificar tanto na negação do protagonismo masculino em algumas narrativas policiais, como “Bom Dia Verônica”, quanto nas mudanças relacionadas à própria composição da identidade da protagonista ao longo de sua trajetória não só como investigadora, mas como justiceira, mãe, filha, amiga e esposa.

Berger e Luckmann (2007) referem-se à cotidianidade como uma realidade interpretada pelas pessoas, que é dotada de sentido a partir de uma perspectiva subjetiva, apresentando um mundo aceito como coerente. Quando há uma tipificação recíproca de um hábito dessa cotidianidade envolvendo várias subjetividades, acontece o que os autores chamam de institucionalização. A partir daí ocorre o estabelecimento de padrões de conduta que implicam em controle e historicidade.

Nesse sentido, o machismo, o patriarcado e as ideias de inferioridade e submissão feminina podem ser consideradas instituições estabelecidas de padrões de conduta que foram cultivados por muito tempo, obtendo força e criando uma ideia de imutabilidade, pois uma vez concebidas, as instituições tendem a perdurar, mesmo que este não seja um processo irreversível.

Conforme os autores, os mundos sociais não são estáticos e é isso que possibilita que, na atualidade, algumas narrativas policiais, depois de um grande movimento ao

longo de sua história, sejam voltadas para a problematização da violência contra a mulher e tenham mulheres como protagonistas. A intervenção nos padrões que definem esses mundos sociais ocorre a partir de sua complexificação, ou seja, do surgimento de formas mais complexas de conhecimento.

Pode-se estabelecer um paralelo entre esse processo de complexificação e a ideia de deslocamento das identidades proposta por Stuart Hall (2011). No contexto da pós-modernidade, é comum o surgimento de reflexões que questionam os padrões comportamentais estabelecidos, apontando suas falhas e consequências negativas, como o problema da violência contra a mulher, que não é recente, mas entra em discussão a partir da ascensão e das conquistas do movimento feminista. Entretanto, essa quebra de hierarquia não ocorre de forma pacífica, já que, conforme aponta Woodward (2009), a questão identitária envolve sempre relações de poder.

Sendo assim, é possível compreender a narrativa de “Bom dia, Verônica” como um esforço da produção de ficção seriada em acompanhar a urgente demanda social pela colocação do feminicídio e da violência generalizada contra a mulher em pauta, mas também como um reflexo das mudanças que vêm ocorrendo no universo social e cultural em relação ao comportamento e à condição feminina.

Além das ideias expostas acima, esta pesquisa também recorre à classificação proposta por Todorov (2013) para as narrativas policiais. O autor as divide em três categorias: a primeira delas corresponde ao romance-enigma, focada na racionalidade e nas habilidades dedutivas do investigador. A segunda diz respeito às narrativas *noir*, cujos destaques são a retratação da violência e a presença de um detetive mais vulnerável e humanizado. A terceira, por fim, é a narrativa de suspense, que tende a se complexificar, focando tanto na vulnerabilidade e envolvimento emocional do detetive com a investigação do crime quanto na possibilidade do protagonista constituir-se detetive para livrar-se de uma acusação injusta.

Todorov não vê as três classificações propostas por ele como etapas de uma possível evolução, já que elas podem coexistir em uma mesma época e, até mesmo, em diferentes obras de um mesmo autor. É possível também encontrar características de diferentes subgêneros da narrativa policial em uma mesma obra. Podemos pensar nessa possibilidade, por exemplo, dentro das séries audiovisuais que, com diversas temporadas e episódios, podem mudar seu foco narrativo e as características das

personagens ao longo do tempo, como ocorre com Verônica Torres. “Poder-se-ia dizer que, a partir de certo momento, o romance policial sente como um peso injustificado os constrangimentos de tal ou tal gênero e deles se desembaraça para constituir um novo código” (TODOROV, 2013, p. 103-104).

No entanto, apesar da possibilidade de coexistência das subcategorias e da criação de outras possibilidades baseadas nas interações entre elas, é inegável que as narrativas policiais passaram por uma complexificação ao longo de sua história, o que é notável, por exemplo, no que diz respeito à participação feminina. Nas narrativas de enigma tradicionais, a missão do detetive é reconstruir a trajetória e o raciocínio do criminoso para desvendar o mistério. Nesse caso, os detetives com grandes habilidades dedutivas, que não se envolvem emocionalmente com a história da vítima ou do criminoso, normalmente são homens, associados à infalibilidade, o comportamento frio e centrado e o uso do raciocínio lógico. Às mulheres cabem os papéis de vítimas, já morta no início da narrativa, ou atuações secundárias sem impacto na solução do mistério. O detetive, seu amigo que narra a história, os policiais e, até mesmo, o criminoso, normalmente são todos homens. Essa composição é encontrada nas obras de Arthur Conan Doyle e Edgar Allan Poe, ambas publicadas no século XIX.

Já as narrativas noir, correspondentes ao segundo grupo proposto por Todorov, contam com detetives mais humanizados, vulneráveis e moralmente ambíguos, além de cenários com uma atmosfera sombria, onde acontecem ações violentas, retratadas detalhadamente. Essas narrativas já contam com uma participação mais ativa das personagens femininas, ainda que elas sejam frequentemente caracterizadas de forma estereotipada, como mulheres fatais, sedutoras e interesseiras. Elas costumam despertar o interesse amoroso do detetive protagonista e podem se envolver em atividades criminosas. É o caso, por exemplo, de Brigid O'Shaughnessy, uma personagem manipuladora e astuta presente na obra “O Falcão Maltês”, de Dashiell Hammett.

Finalmente, a narrativa de suspense, correspondente à terceira classificação de Todorov, atrai a atenção do leitor ou telespectador tanto pelo desejo de compreender o que aconteceu no passado quanto pela vontade de descobrir o que ainda pode vir a acontecer com o detetive e com os demais personagens. Assim, com frequência esse grupo de narrativas ganha maior complexidade, o que pode possibilitar às personagens mulheres novas possibilidades de ação e caracterização. Nessa categoria já é possível

encontrar mulheres que ocupam o papel de liderança ou de discordância dentro de equipes investigativas, atuando ativamente na solução de crimes, mas que também possuem suas questões pessoais a serem desenvolvidas ao longo da narrativa. É este o caso de Verônica.

Por outro lado, as personagens femininas vítimas continuam existindo, assim como aquelas que testemunharam o crime e ganham menor visibilidade ao longo da narrativa, a exemplo de Janete, Martha e Tânia. Nesse contexto, “Bom dia Verônica” deve ser considerada uma narrativa policial pós-moderna que, apesar do destaque para as características da narrativa de suspense, mistura os diferentes subgêneros relacionados às categorias criadas por Todorov. “Infelizmente para a lógica, os gêneros não se constituem em conformidade com as descrições estruturais; um gênero novo se cria em torno de um elemento que não era obrigatório no antigo: os dois codificam elementos diferentes” (TODOROV, 2013, p. 98).

Em “Bom dia, Verônica”, encontramos uma mistura de características que culmina em uma proposta inovadora a partir de uma maior variabilidade representativa, podendo enquadrar as mulheres nos mais diferentes papéis e abordar suas lutas em sociedades ainda baseadas na cultura patriarcal. Se por um lado a protagonista se aproxima da ideia de um detetive vulnerável, sendo retratada de forma humanizada e se comportando como defensora da causa feminina, por outro lado ela também estabelece uma ligação com o detetive centrado e racional do romance-enigma, pois conduz as investigações de maneira focada e descobre detalhes que outros componentes da equipe não notariam.

Por conta da função de escritã, ela a princípio é impedida de ir a campo nas investigações, o que funciona também como justificativa para que sua linha de raciocínio e suas sugestões quanto às investigações sejam descartadas. Mesmo assim, ela se mostra determinada e não desiste de investigar situações que envolvem a violência contra a mulher. Ela demonstra uma grande habilidade em lidar com as investigações, o que fica evidente em suas conversas com Janete, que a princípio se recusa a falar sobre os crimes cometidos por Cláudio. Verônica conduz os diálogos de maneira humanizada, demonstrando profundo envolvimento com a causa das vítimas. Isso ocorre, por exemplo, quando ela vai até a casa de Janete, onde presencia Cláudio obrigando a esposa a engolir um chip depois de descobrir que ela usa um celular sem a

autorização dele. A partir de então, começam as conversas entre Verônica e Janete com o objetivo de obter uma denúncia e a devida punição contra Cláudio.

Mas além disso, Verônica também lida com diversas questões pessoais, que envolvem suas amigas e o relacionamento com o pai, o marido e os filhos. Uma cena de destaque relacionada ao seu posicionamento como mãe ocorre quando a filha da protagonista sofre bullying praticado pelos amigos do irmão, que não a defende. Verônica decide colocar o filho de castigo por conta de sua falta de atitude diante da injustiça sofrida pela irmã e repreende o marido, que sai em defesa do filho. Essa, entre diversas outras cenas, além de contribuir muito para a composição da personalidade da protagonista, demonstra como o machismo está enraizado no comportamento social e como ele é reproduzido a partir de atitudes (ou da falta de atitudes) aparentemente inofensivas, como a postura isenta do filho de Verônica.

Segundo Jaguaribe (2007), as ficções realistas podem se confundir com a realidade por conta da apropriação das experiências pessoais e subjetivas. Este processo é responsável pela identificação entre a caracterização da protagonista de “Bom dia, Verônica” e a persistência da cultura patriarcal que potencializa a violência contra a mulher e a impunidade para este tipo de crime. Ou seja, a concepção da personagem Verônica se dá num momento em que assuntos como feminicídio e violência doméstica estão na pauta social.

Percebe-se que, portanto, a complexificação das narrativas policiais possibilitou que as personagens mulheres não mais se limitassem ao papel de vítimas, ganhando maior profundidade e podendo atuar também como suspeitas e detetives, inclusive ao mesmo tempo. “Bom dia, Verônica” é interpretada aqui como um exemplar desse tipo de narrativa, sobretudo quando se destacam uma multiplicidade de situações envolvendo a violência contra a mulher e a transformação pela qual a protagonista passa na transição entre a primeira e a segunda temporada, assumindo uma nova identidade e passando por uma mudança em sua aparência física, o que em termos práticos funciona como um disfarce para que ela não seja reconhecida, já que simula sua própria morte. Todavia, não se trata apenas de uma mudança nos cabelos. Esta é também uma mudança de posicionamento, de identidade. Verônica deixa de ser uma representante da lei para atuar como uma força contrária ao descaso das autoridades com a vulnerabilidade

feminina diante da violência. Sua postura passa a incluir a desconfiança, a inquietação e a revolta.

A complexificação do pensamento de que falam Berger e Luckmann (2007) é o que possibilita a concepção de personagens como Verônica, que comete crimes e mantém-se firme no propósito de combate à violência contra a mulher, mesmo quando isso significa afastar-se da própria profissão de policial e deixar os filhos aos cuidados somente do pai. Esse tipo de abordagem seria inconcebível na teledramaturgia produzida há alguns anos por conta da institucionalização da maternidade como algo sagrado e primordial na vida de uma mulher.

Verônica dá ao antagonista Cláudio, interpretado por Eduardo Moscovis, o mesmo destino que ele decreta para a esposa Janete (Camila Morgado), após sucessivos episódios de violência, tanto física quanto emocional: ele morre carbonizado. A protagonista também envenena Gregório, da mesma forma que o criminoso fazia ao aplicar o golpe “boa noite, Cinderela”. Essas atitudes são tomadas depois que Verônica perde as esperanças de fazer justiça pelos meios legais. Durante a primeira temporada, Gregório é detido, mas solto logo em seguida, e Cláudio, por ser um policial condecorado, está imune às tentativas de investigação. Após se livrar dos dois agressores de mulheres, Verônica se desvincula da própria identidade e dá um grito angustiado, que mistura dor e alívio.

Considerações finais

O esquema de corrupção policial que impede as investigações oficiais dos crimes cometidos por Cláudio e Gregório é uma simbologia para o sistema social e a estrutura patriarcal que continuam alimentando a banalização da violência contra a mulher. Porém, essa estrutura já não é tão forte, pois as “verdades” amplamente reproduzidas a respeito do papel da mulher não são mais aceitas sem questionamentos.

É claro que padrões patriarcais ainda são reproduzidos nas obras de ficção audiovisual, mas eles já não são uma unanimidade. Se há algumas décadas, seria inconcebível a ideia de uma protagonista que abandona os filhos para impedir que outras mulheres sejam aprisionadas como “passarinhas”, hoje a personagem Verônica representa a luta contra as injustiças do patriarcado. Além disso, a complexidade das

situações expostas na série e as decisões difíceis que as personagens precisam tomar demonstram um afastamento do dualismo maniqueísta, com as relações de poder sendo amplamente representadas em suas falhas e assimetrias.

Conclui-se que a série “Bom dia, Verônica” representa uma importante contribuição para a reflexão sobre a situação das mulheres vítimas de violência. A obra explora tanto as situações em que as vítimas são submetidas a relacionamentos abusivos e agredidas no âmbito familiar, quanto as que dizem respeito às mulheres violentadas por homens que não fazem parte de seu núcleo de convivência e podem explorar suas vulnerabilidades de modo a facilitar a violência.

No entanto, se a série choca pela retratação realista e crua da violência, ela também aborda as “pequenas” ações que reforçam o pressuposto da submissão e da inferioridade feminina, como as refletidas no comportamento profissional dos ocupantes dos mais altos cargos na delegacia onde Verônica, a princípio, trabalha. Ela não tem suas ideias e sugestões ouvidas nem acatadas, chegando a sofrer represálias.

Observa-se uma crítica contundente à cultura patriarcal e às relações de poder que colocam as mulheres em posições de subserviência, favorecendo e até mesmo promovendo os comportamentos abusivos e violentos por parte dos homens. Essas violências ganham ainda mais força a partir da precarização dos sistemas de proteção à integridade da mulher e da culpabilização das vítimas. Também cabe destacar a construção da personagem enquanto protagonista de uma série policial, o que representa um avanço em relação à história deste gênero, ainda que ele continue priorizando os detetives homens.

Enfim, Verônica Torres é uma personagem exemplar no que diz respeito ao avanço da atuação feminina em narrativas policiais bem como à utilização da estrutura desse tipo de narrativa tão popular, que se utiliza do mistério e do suspense, para abordar um tema extremamente sensível e complexo, cuja discussão é uma demanda social latente na atualidade.

Referências

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1741437/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero%C2%20Patriarcado%C2%20Viol%C3%AAncia%20%20%28livro%20completo%29.pdf. Acesso em 29 de maio de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do Romance Policial. In: TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.